

Sophia Beal – *The Art of Brasília: 2000-2019*.
Londres: Editora Palgrave, 2020.

Ligia Bezerra* 

“In the world’s eyes, Brasília is a city with no soul” (BEAL, 2020, p. 1). Em seu novo livro, *The Art of Brasília: 2000-2019* (publicado em português com o título *A arte de Brasília: 2000-2019*, tradução de Larissa Satico Ribeiro Higa, pela University of Minnesota Libraries Publishing com acesso gratuito), Sophia Beal prova, por meio de uma análise rigorosa e articulada da riqueza da vida cultural da cidade em questão nas duas primeiras décadas do século XXI, que esta crença sobre a capital do Brasil é errônea.

Ler o livro de Beal é caminhar na cidade, no sentido que propõe Michel de Certeau em *The Practice of Everyday Life* (1984), na medida em que descobrimos, juntamente com a autora, uma outra Brasília: aquela dos afetos, da periferia, dos lugares de passagem ressignificados por artistas locais. Ao terminar a leitura do livro, a impressão que temos é a de que caminhamos em uma Brasília cotidiana, banal e bela, “humble and solid”, como diria Henri Lefèbvre, repleta de limitações mas também de possibilidades (LEFÈBVRE, 2005, p. 24). A prática do cotidiano norteia tanto a análise propriamente dita de Beal como a sua pertinente e inspiradora reflexão sobre o mundo acadêmico, quando a pesquisadora avalia seu lugar de fala (BEAL, 2020, p. 26), num gesto que, acredito, deve impreterivelmente ser reproduzido por todo pesquisador e crítico cultural em uma posição semelhante.

O capítulo 1 apresenta o argumento central do livro: Brasília tem uma vida artística e cultural pulsante, a qual denuncia dinâmicas sociais injustas bem como contempla outras formas de habitar este espaço urbano. Para poder captar a riqueza cultural e artística de Brasília, a autora argumenta que é necessário compreender a cidade para além da história hegemônica da arte na capital, observando a produção de um conjunto diverso de artistas de diferentes gêneros, classes sociais, idades, raças e posições geográficas na cidade. Esse capítulo também apresenta aos leitores aspectos chave da geografia de Brasília e delinea o embasamento teórico do livro, propondo o conceito de “creative right to the city”, a partir da noção de “direito à cidade” de Henri Lefèbvre (BEAL, 2020, p. 14).

* Doutora e professora de Português da Arizona State University, Estados Unidos. E-mail: ligia.bezerra@asu.edu.

Intitulado “A Historical Overview of the Art of Brasília”, o capítulo 2 é também uma revisão da história de Brasília através das artes, oferecendo uma espécie de itinerário histórico para a cena artística da cidade. Começando no século XIX, a autora fornece vários exemplos de como as questões sociais de Brasília são representadas em uma variedade de produtos culturais, incluindo literatura, música e cinema. Beal inclui o trabalho tanto de figuras canônicas e emblemáticas, como a escritora Clarice Lispector e a banda de rock Legião Urbana, quanto rappers como GOG. A produção musical de Brasília é, aliás, um dos focos do capítulo, abrangendo o período entre 1980 e 2000 e oferecendo um panorama da importância social do rap e do hip hop na vida cultural da cidade.

No capítulo 3, Beal faz uma análise de como o romance de João Almino, *Cidade livre* (2010), questiona desigualdades referentes ao direito de representar a cidade de Brasília. Depois de situar o romance dentro da obra de Almino, Beal demonstra como o autor utiliza técnicas tais como a metaficção, a fragmentação da narrativa, a justaposição de ficção e realidade histórica e alusões literárias como formas de desestabilizar discursos oficiais sobre a cidade, denunciando as desigualdades sociais que imperam no local desde a sua construção.

Já no capítulo 4, Beal explora *BrasíliaA-Z: Cidade-palavra* (2014), de Nicolas Behr, demonstrando como o autor constrói, por meio de um livro que desafia sua classificação em termos de gênero literário, uma imagem de Brasília como uma cidade geradora de afeto, cultura e arte, em oposição, portanto, ao estereótipo de Brasília. A autora usa como base teorias do cotidiano, em uma análise perspicaz da obra de Behr que descreve a maneira como o autor conta uma história íntima e cotidiana de Brasília.

O capítulo cinco é dedicado a uma análise do filme de Adirley Queirós, *Branco sai, preto fica* (2014), o qual, segundo a autora, representa a Ceilândia, área periférica de Brasília, como um espaço de afeto, positividade e resistência, sobretudo por meio da música. A autora concentra a análise, em particular, em como o filme representa a boate *Quarteirão*, o estúdio clandestino e os corpos mutilados dos protagonistas. A autora destaca o quadro que Queirós pinta da vida cotidiana na Ceilândia articulando crítica social e revelando conexões entre o espaço e as relações sociais que o produzem e que são nele forjadas.

Os *slams* de poesia e as batalhas de MCs de Brasília são os destaques do capítulo 6. Neste, a autora apresenta essas atividades como eventos democráticos por meio dos quais a periferia reivindica o seu direito de criar na cidade. A autora faz uma excelente contextualização histórica dessas batalhas em relação aos duelos de repente estabelecidos em Brasília por migrantes nordestinos que trabalharam na construção do Distrito Federal. Na análise, Beal demonstra como espaço e manifestação artística estão intrinsecamente ligados, construindo um ao outro.

O capítulo 7 tem como foco o que a autora define como livros insurgentes ou *insurgent books* (BEAL, 2020, p. 161) de autores advindos de grupos minoritários, a sa-

ber Kika Sena, Marcos Fabrício Lopes da Silva, Nanda Fer Pimenta, Katiana Souto, Meimei Bastos e Tatiana Nascimento. Na análise, Beal traz uma série de exemplos de poemas dos livros em questão para demonstrar como estes denunciam as experiências de exclusão e discriminação vividas por cidadãos periféricos de Brasília. Por meio de sua poesia, seja impressa ou recitada em saraus, os autores e autoras analisados, de acordo com Beal, clamam o direito de mulheres, negros e LGBTQs de ocupar espaços públicos, especialmente de trânsito, bem como espaços simbólicos dentro do discurso literário, como modo de afirmar seu direito de criar na cidade.

Último capítulo do livro, o capítulo 8 faz um apanhado de várias manifestações artísticas da periferia de Brasília, com particular atenção a como a revista cultural *Traços* advoga pelo direito de criar na cidade, divulgando várias modalidades artísticas, tais como feiras de arte, teatro de rua e grafite. Um dos pontos mais interessantes trazidos pela autora é a mudança de percepção com relação a moradores de rua que operam como chamados Porta-Vozes, vendendo a revista em locais públicos. A análise também conta com uma avaliação de alguns aspectos contraditórios da revista, como por exemplo, reduzir o papel subversivo do grafite ao trazê-lo para as páginas como obras individuais, deixando de lado a discussão como intervenções ilegais e, portanto, desafiadoras do *status quo*.

Finalmente, no epílogo, Beal recapitula o argumento do livro reafirmando que, como demonstrado pelos vários exemplos trazidos, os artistas, com suas obras e projetos em questão, “affirm their creative right to the city by transforming public sites into places for creative communion and by representing their city publicly” (BEAL, 2020, p. 215). A autora encerra com uma breve avaliação da importância dessa arte no Brasil durante a presidência de Jair Bolsonaro, perante as constantes ameaças e ataques a minorias e à cultura em geral.

O livro de Beal se apresenta como uma excelente ferramenta para pesquisadores das mais diversas áreas, mas certamente atende a qualquer leitor interessado em saber mais sobre as diversas faces de Brasília. Acessível, sem perder o rigor de uma análise criteriosa, a escrita de Beal ilustra seu compromisso de pesquisadora que também faz de sua produção acadêmica uma forma de aproximar suas leitoras e leitores do conteúdo estudado. É, em si, uma sugestão de como se fazer pesquisa decolonizadora também.

Referências

BEAL, Sophia. *The Art of Brasília: 2000-2019*. New York: Palgrave, 2020.

BEAL, Sophia. *A arte de Brasília: 2000-2019*. Tradução de Larissa Satiko Ribeiro Higa. Minneapolis: University of Minnesota Libraries Publishing, 2021. Disponível em: <https://umnlbraries.manifoldapp.org/read/a-arte-de-brasilia-2000-2019/section/11019d10-5e7f-4574-b33d-055a7f2c6f9c>. Acesso em: 04/08/2021.

DE CERTEAU, Michel. *The Practice of Everyday Life*. Tradução de Steven Rendall. Berkeley: University of California Press, 1988.

LEFÈVRE, Henri. *Everyday Life in the Modern World*. Tradução de Sacha Rabino-
vich. New Brunswick: Transaction Publishers, 2005.

Recebido em 4 de agosto de 2021.

Aprovado em 31 de março de 2022.